EDUCAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA: EXPERIÊNCIA DA ESCOLA DO SESI DE BAYEUX/PB

Arnaldo César Fausto de Oliveira
SESI – DR/PB
arnaldocesar@fiepb.org.br

INTRODUÇÃO

Diante dos preconceitos sofridos pelos povos negros e indígenas desde a época da colonização e os estereótipos que marcam ainda esses povos, bem como buscando atender as Leis 10.639/03 e 11.465/08, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena"., a Escola Corálio Soares de Oliveira, resolveu em uma ação conjunta entre professores da EJA (Educação de Jovens e Adultos), Coordenação e Direção, trazer essa temática para a sala de aula.

O projeto acontece semestralmente. Iremos analisar os ocorridos nos meses de novembro e dezembo de 2013 e abril de 2014.

As ações de combate ao racismo são de grande importância para a sociedade, pois, necessitamos de um ambiente de respeito ao próximo, independente de sua raça ou religião.

Como nos sugere as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

> Todos esses dispositivos legais, bem como reivindicações e propostas do Movimento Negro ao longo do século XX, apontam para a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a educação de relações étnico-raciais positivas, a que tais conteúdos devem conduzir. (BRASIL, 2005, p.9)

A educação discriminatória não nasce dentro da escola, mas, diversas vezes há uma reprodução do discurso que se encontra pronto na sociedade. É necessária a formação dos docentes para desconstruir a naturalização dos fatos que se tornaram frequentes no cotidiano da sala de aula, como relata a autora Maria Lima.

> Um dos primeiros desafios que enfrentamos para concretizar esta proposta foi, justamente, a forma como iríamos abordar o fato de que a discriminação, o preconceito e o racismo são naturalizados no espaço escolar e a professora às vezes ignora, geralmente convive, até reproduz e protagoniza situações em que ser negro é motivo de zombaria, inferiorização, desumanização, desqualificação de toda ordem. Além disso, os conhecimentos veiculados nas salas de aula relacionam-se quase sempre a valores civilizatórios eurocêntricos, não há referência aos modos de produção de conhecimento africanos ou indígenas. (LIMA, 2000, p.25)

Acreditamos na importância social desta pesquisa, por ser uma tentativa de melhoria no processo educacional. Temos a intenção de contribuir na reflexão sobre as várias formas de preconceitos embutidas em nossa sociedade e que precisam ser mudadas, além disso, sugerir caminhos para a construção de uma educação que valorize todos os povos que ajudaram a construir o que hoje é o Brasil.

Metodologia

Utilizamos o estudo de caso, com a intenção de verificar de que forma o preconceito racial é formado dentro do contexto escolar. Como nos relata Marli André:

> Na perspectiva das abordagens qualitativas e no contexto das situações escolares, os estudos de caso que utilizam técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas intensivas possibilitam reconstruirmos processos e as relações que configuram a experiência escolar diária. (MARLI, 2012, p.65)

De posse das informações verificamos a postura dos educadores e alunos diante de situações discriminatórias, antes e após a realização do projeto em questão. Ainda de acordo com Marli André:

> O primeiro passo é organizar todo o material coletado, separando-o em diferentes arquivos, segundo o tipo de instrumento ou a fonte de coleta ou arrumando-o em ordem cronológica. O passo seguinte é a leitura e releitura de todo o material para identificar os pontos relevantes e iniciar o processo de construção das categorias analíticas. (MARLI, 2012, p.72)

A metodologia utilizada foi pesquisa qualitativa, tendo como sujeitos professores e alunos envolvidos no processo. Utilizamos questionários com questões dissertativas e de múltipla escolha para professores, alunos, coordenação e direção, bem como, análise bibliográfica sobre o fenômeno estudado.

Utilizamos também a pesquisa documental através de dados dos órgãos oficiais do governo, livros e revistas que tinham experiências da implantação da Lei Federal 10.639/03, bem como, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana.

Resultados e Discussão

A análise do projeto da escola do SESI mostrou que 100% dos alunos entenderam que a discriminação ainda existe e que há uma necessidade de pensamento de mudança quanto à cultura negra e indígena. Todos os alunos admitiram que o projeto os ajudou a entenderem e a respeitarem mais a cultura afro-brasileira e indígena, porém, os mesmos não admitiram qualquer preconceito racial, assim afirma Fernando Menezes

> As consequências da escravidão se fazem presentes ainda hoje na sociedade brasileira. Elas não só se limitam as desigualdades sociais, mas também permeiam muitas ideias falsas e preconceitos, os quais muitas vezes são desapercebidos por nós. (MENEZES, 2006, p.33)

Uma das formas de combater o racismo é procurar fazer com que as pessoas reconheçam que o mesmo existe impregnado na nossa cultura e em nós mesmos. Nesse quesito o projeto precisa melhorar, temos que instigar as pessoas a

investigarem algumas formas de preconceitos cometidas que foram naturalizadas pela nossa sociedade e que por vezes passam despercebidas.

Os professores buscaram dentro de suas áreas de conhecimento valorizar a cultura afro-brasileira e indígena, desconstruindo a imagem negativa que muitas vezes foram relatadas a partir de um pensamento eurocêntrico.

A valorização das descobertas e belezas da cultura negra que por vezes a história tentou enterrar. Foram estudadas e demonstradas através de cartazes, danças, slides etc. Professores e alunos estiveram mais próximos e se ajudaram a entender a discriminação e suas consequências para a sociedade.

Vieram pessoas importantes na área de combate a intolerância, entre elas, Socorro Pimentel que é Coordenadora Municipal de Promoção à Cidadania e Igualdade Racial da cidade de João Pessoa e posteriormente a Liderança indígena, Capitão Potiguara. As palestras giraram em torno do preconceito racial camuflado em voga no país, das diferenças de cor, cultura e religião. Além das palestras, os alunos acompanharam também algumas apresentações artísticas, dança mesclado com arte, terapia e o sagrado, através da psicóloga, Carol Marques, e também contação de histórias com a atriz Fernanda Ferreira, que apresentou um monólogo inspirado no poema Vozes Mulheres, da poetisa Conceição Evaristo.

Professores e alunos reconheceram a importâncias dos debates e afirmaram estarem mais conscientes sobre os problemas enfrentados pelos povos citados

Figura 1: Debate com liderança dos Índios Potiguara
Fonte: Acervo SESI 2014

Figura 2: Apresentação monólogo Vozes Mulheres
Fonte: Acervo SESI 2013

Conclusão

Diante de todas as reflexões feitas, acredito ter contribuído para alertar a sociedade, a partir deste trabalho que o preconceito existe e não é algo bom para ninguém. Todos têm direitos de seguir suas crenças e culturas sem ser taxada de ignorantes ou considerada uma cultura inferior.

O preconceito na escola é algo que preocupa os educadores, pois, a intolerância faz com que o ambiente escolar torne-se um local de conflitos. A tentativa de apaziguamento é clara, percebo que os educadores vêm buscando através de projetos como o que analisei nesta pesquisa, descontruir os preconceitos e contribuir para um respeito mútuo.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **Estudo de Caso, uma alternativa de pesquisa em educação.** Educação do campo. PUC. São Paulo**.** [citado em 10 de Outubro de 2012 – 20:20]. Disponível :http://www.ce.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom2/pdf/texto4.pdf

BRASIL, Secretaria Especial de Políticas Públicas de Promoção e Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2005.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. **Por que e como formar professores(as) em história e cultura afro-brasileira e africana.** In LIMA, Maria Nazaré Mota de Lima (Organizadora). Escola plural: a diversidade está na sala de aula. CEAFRO: Salvador, 2005

MENEZES, Fernando. **45% dos brasileiros descendem de africanos** In Revista Construir Notícias: relações étnico-raciais. N° 28, ano 05, São Paulo, 2006.